

Gênero no Texto Visual: a (re)produção de significados nas imagens técnicas (fotografia, televisão e cinema). ST 35

Prof. Dr. Latuf Isaias Mucci
UFF

Palavras-chave: Mito; São Sebastião; *Sebastiane*

Figuração cinematográfica de São Sebastião, mito gay

Para o Joel Cardoso, tropicalmente

“O mytho é o nada que é tudo”

Fernando Pessoa

“Somos todos vítimas de *posters*”.

Jean Genet

“*Et quid volo nisi ardeat?*”¹

No mito de São Sebastião – santo católico², patrono dos soldados, dos pestilentos, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro³ e, pós-modernamente, patrono *gay* -, misturam-se alguns mitos clássicos: Apolo, Dioniso, Prometeu, Cupido e Narciso. Aqui, recortamos uma concepção ampla do que seja o mito: “O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais”⁴. Dito de outra maneira: “Os mitos são obras de arte, como os sonhos, modelos de todas as obras de arte (...). É a presença do sonho e da lógica no sonho, na vigília. É um sonho acordado”⁵. Narciso, filho de rei Céfiso, enamorou-se da sua própria imagem ao mirar-se nas águas de uma nascente e nelas se precipitou. Foi transformado na flor a que deu o nome. Apolo: deus grego e romano dos oráculos, da medicina, da poesia, das artes, dos rebanhos, do dia e do sol; nesta última qualidade também chamado de Febo. Era filho de Júpiter e de Latona, irmão gêmeo de Diana, nascera na ilha de Delos. Dioniso, nome grego de Baco, deus do vinho, filho de Júpiter e de Semele. Cupido, deus do amor, entre os romanos, identificado com o Eros grego, de que lhe deram o aspecto, os atributos, as aventuras. Prometeu, deus ou gênio do fogo, era filho do Titã Japeto e irmão de Atlas. Aparece na mitologia clássica como o iniciador da civilização humana. Depois de formar o ser humano com o limo da terra, roubou, para o animar, o fogo do céu. Em castigo, foi, por ordem de Júpiter, acorrentado por Hefaistos no cimo do Cáucaso, onde um abutre lhe devorava o fígado.

A versão oficial da Igreja Católica, que celebra dia 20 de janeiro a festa do santo, dá conta, no livro *Legenda áurea* – uma história de santos, escrita, no século XIII, pelo beato dominicano Jacoppo di Varazze - no *Martirologio* (354) e nas *Acta Santorum*, de um soldado, nascido, no ano de 250, em Narbona⁶, cidade do Império Romano que pertencia à Província de Gália, hoje sul da França; foi educado em Milão, na Itália (Santo Ambrósio, bispo de Milão, falecido em 397, registra, em seus sermões, que São Sebastião viveu naquele cidade do norte italiano), e, seguindo o exemplo do pai, soldado, seguiu para Roma, em 283, a fim de ingressar no exército, sendo promovido a chefe da primeira corte de legião de infantaria e conquistando a admiração dos imperadores Diocleciano e Maximiliano. Reza a lenda que o soldado Sebastião operava milagres e convertia seus colegas à fé cristã. Sentindo-se traído pelo soldado que tanto admirava, Diocleciano tentou convencer o súdito a abandonar a fé em Cristo; para tanto, ofereceu-lhe presentes, fez ameaças, mas nada abalou a convicção de Sebastião; Diocleciano convocou, então, os arqueiros da Mauritânia, considerados os melhores do império, para que matassem, em 20 de janeiro de 288, a flechadas o soldado rebelde. Coincidentemente, em 20 de janeiro se comemorava a festa da divindade do imperador. A igreja *San Sebastiano al Paladino*, perto do Fórum Romano, marca o lugar do martírio do soldado.

Relacionada à lenda de São Sebastião, narrada pelo martirologio romano, e ao sincretismo religioso, onde São Sebastião toma a forma de Ogum (em algumas linhas do Candomblé, Ogum é São Jorge) existe um repertório de representações do santo guerreiro nas artes, onde o imaginário *gay* vai nutrir-se com a beleza do corpo, a penetração das flechas, e a condenação da homossexualidade pela Igreja, que sempre a considerou uma doença e, até, uma peste, porque se propaga, sem controle. No campo transgressor e emblemático da literatura, Oscar Wilde (1854-1900), mártir irlandês da hipocrisia britânica, passou a chamar-se Sebastian Melmoth, depois que, libertado da prisão, exilou-se na França, onde veio, anonimamente e num hotel barato, a falecer; em seu poema, dedicado a Keats, *The grave of Keats* (1881), descreve o poeta inglês como “*fair Sebastian, and foully slain*”. Em seu romance, claramente autobiográfico, *Confissões de uma máscara* (1949), Yukio Mishima (1925-1970) narra que sua homossexualidade foi despertada quando contemplou a figuração pictórica de São Sebastião pelo maneirista Guido Reni (1575-1642), o pintor dos pintores de São Sebastião, retratado, de modo mais que ambíguo, como jovem anêmico, lânguido e letárgico, que, estremecendo-se de dor, simula o gozo. Para Mishima, dândi sado-marcial japonês, o harakiri que cometeu define-se como a última e definitiva masturbação, numa referência à erotização da morte, haurida no quadro de Guido Reni. Muito emblematicamente, Mishima deixou-se fotografar flechado. O poema “San Sebastiano de Sodoma”, de Tennessee Williams, aliás Thomas Lanier (1911-1940), mistura, de maneira *gay*, no mesmo ícone, erotismo e

misticismo. Pai do esteticismo inglês, Walter Pater⁷ devotou um ficcional *imagery portrait* à lenda de *Sebastian von Storck* (1886), em que o jovem corteja passivamente a morte. São, ainda, literariamente adoradores de São Sebastião estes célebres escritores: Jean Cocteau, T.S.Eliot (embora Eliot negasse sempre, *The waste land* é uma elegia em homenagem ao jovem francês que encontrou, em Paris, e amou e que morreu, em 1915, na guerra), Wallace Stevens, Kafka, Rilke, Auden; em *Morte em Veneza* (1911), o protagonista Aschenbach considera Sebastião como “um novo tipo de herói”. Rivalizando, na pintura renascentista, com Jesus e Maria, São Sebastião, erigido como modelo da beleza helênica, foi pintado por Tintoretto, Mantegna, Tiziano, Giorgione, Perugino, Botticelli, Giovanni Antonio Bazzi, com o pseudônimo de *Il Sodoma*. Também os pintores franceses Odilon Redon e Gustave Moreau privilegiam, em sua arte, a sedutora figura de São Sebastião. Por volta de 1929, Salvador Dalí costumava assinar com o nome de São Sebastião as cartas para seu amante García Lorca. Em 1946, Frida Khalo pintou a tela “ Veado ferido ou o Pequeno Cervo”. Em *Le martyr de Saint Sébastien* (1911), Claude Debussy homenageia o santo; a partir de uma peça de Gabriele D’Annunzio – *O martírio de São Sebastião* -, com música de Debussy, a estréia, em 1911, no Teatro Châtelet, em Paris, da ópera *Le martyre de Saint Sébastien* foi um imenso escândalo, pois o protagonista era uma mulher russa judia, Ida Rubinstein, que, na cena final, repetia, a cada flechada, *Encore! Encore! Encore!* (Bis! Bis! Bis!), como a ninfa Eco, *alter ego* de Narciso. Philipp Glass incluiu, no filme *Mishima*, uma peça musical, chamada *Saint Sebastian*. Em fevereiro de 2004, uma exposição, intitulada “São Sebastião, uma esplêndida prontidão para a morte”, realizada no *Kunsthalle Wien*, em Viena, tinha esta apresentação: “ Ícone sado-masô, dândi andrógino, guerreiro ambíguo, mártir enamorado da morte, a encarnação mesma do sofrimento exemplar do artista”

A mais polêmica representação cinematográfica de São Sebastião, quiçá a única⁸, deve-se a Derek Jarman (1942-1994), cineasta inglês, cuja cinematografia, constituída por 11 filmes, tem em *Sebastiane* (1976) seu primeiro longa-metragem. Dirigido por Derek Jarman e Paul Humfress, escrito por Derek Jarman e James Whaley, com música de Brian Eno e Andrew Thomas Wilson, tendo no internacional elenco Leonardo Treviglio (como São Sebastião), Barney James (no papel de Severo), Neil Kennedy (Máximo), Richard Warwick (Justino), Robert Medley (Diocleciano), o filme causa estranhamento, primeiramente porque seus diálogos são todos em latim, língua considerada morta. Note-se que, em 2004, Mel Gibson usou, em seu polêmico *The passion of Christ*, também o latim, ao lado do hebraico e do aramaico. Qual seria a autenticidade do latim falado no filme? O latim da liturgia católica tem um tom fortemente italiano, até porque o Lácio antigo faz parte da Itália atual. No filme, em que não figura mulher alguma, há legendas em inglês, que nem sempre correspondem ao latim dos diálogos, um latim acadêmico e vulgar, ao mesmo

tempo, sob o código da mais crua homoeroticidade. Condenado como corruptor e pernicioso, na Inglaterra que condenara drasticamente, no século anterior, Oscar Wilde, o excêntrico filme foi saudado por Derek Malcolm, no sisudo jornal britânico *The Guardian* como “*an exceptional promising first feature... striking and original*”, *Sebastiane* vai dar o tom da poética cinematográfica de seu autor, mergulhado, desde então, num esteticismo exacerbado⁹, em filmes nitidamente homoeróticos, como *Caravaggio* (1986) e *The tempest* (1979), onde, idiossincraticamente, ocorrem anacronismos, como, neste filme inaugural, a questão das datas, que não conferem com a lenda católica, e a luta *kamikaze* num cenário romano; na cinematografia de Derek Jarman, esse aspecto de anacronismo vai, propositadamente, exagerar-se. O título do filme é o caso vocativo da declinação latina do nome próprio, *Sebatianus*; *Sebastiane* terá, portanto, a significação de uma evocação, exclamação e súplica. Na moldura plástica, esplendidamente plástica, da obra – antes de se consagrar ao cinema maldito e autoral, Jarman foi pintor e *designer* -, o nome do santo atrai todos os olhares de contemplação e êxtase, bem como todos os olhares do desejo ávido. Língua apenas viva na liturgia católica romana, o latim soa em *Sebastiane* como um sacrilégio, uma heresia, um opróbrio, na medida em que uma língua sacra é proferida por corpos masculinos nus que se beijam, se amam, se jogam em brinquedos e folguedos homossexuais. Sabe-se que a Igreja Católica sempre considerou o homossexualismo como um pecado contra a natureza, um gravíssimo pecado mortal, que conduz ao mais dantesco inferno aqueles que o cometem ou praticam. É para chocar até os olhos mais experientes a cena inaugural, onde rapazes excitadíssimos dançam nus a dança de Salomé ao masculino e, ao final dessa dança lúbrica, ejaculam abundantemente sobre um Dioniso embriagado de gozo. Quase não há enredo no filme, sendo chamada a atenção do expectador para as imagens: o expectador deverá ser um idólatra, amante da beleza crua e nua, exposta em feéricos quadros iluminados pelo sol da Sardenha, quadros com uma estética pré-rafaelita¹⁰. Muitas vezes, a câmera, celebrando a clássica beleza apolínea grega, passeia lentamente sobre os corpos masculinos nus: estamos no império do voyeurismo. Será Jarman um discípulo exacerbado de Pasolini (1922-1975), que para ele era um gênio; *Sebastian* seria, *mutatis mutandis*, uma derivação de *Medéia* (1969), estruturado em quadros sublimes. Além da metáfora do sol, significando desejo, ardor, fogo, há um porco que circula inconveniente pelo acampamento, remetendo, inconscientemente, ao pecado mortal do homoerotismo. Os atores posam, soberbos, para *tableaux* pré-existentes. O que Fredric Jameson observa a respeito de *Caravaggio*, filme realizado pelo diretor dez anos depois de *Sebastiane*, aplica-se a este, que: “(...) confirma e reforça as qualidades de simulacro da própria imagem fílmica, através da reposição de um ‘mundo real’ do qual esse não é mais que a encenação visionária em uma imagem aleatória”¹¹. Apenas na abertura do filme exhibe-se um trecho narrativo, em inglês, contextualizando a situação do soldado Sebastião, favorito, em 303 (diferentemente, o calendário católico registra o ano de 289 como a data do

martírio desse soldado cristão), do imperador Diocleciano, que perseguia os cristãos, a partir do incêndio de seu palácio. Para celebrar o vigésimo aniversário de sua ascensão ao trono e para comemorar o nascimento do sol, Diocleciano ofereceu uma festa em Roma, para a qual foram convidados sua família e Sebastião, o soldado amado. Na festa, os dois beijam-se na boca e o soldado deve partir para um acampamento, onde se passam todas as cenas do filme. Esse acampamento é uma versão do Éden, com belíssimos jovens nus, que lutam, fazem amor e brincam o tempo todo. Apenas Sebastião, por ser cristão, se recusa a lutar: “*Christiani non pugnant*”. Mas ele é o objeto de desejo do comandante do acampamento, o centurião Severus, um jovem cujos cabelos loiros e olhos azuis contrastam com Sebastião, mediterraneamente moreno. Apaixonado pelo cristão e vendo recusadas todas as suas investidas amorosas, Severus faz jus ao nome e castiga fortemente Sebastião, que, resignadamente, aceita as torturas todas e até as deseja. Em determinado momento, quando está atado no chão, sob um sol escaldante, sofre delírios homoeróticos, revelando que, em nome do cristianismo, recalca seus instintos homossexuais. Em outra cena, revê-se, nitidamente, a tela *Narciso* (1597-1599), exposta na *Galeria Nazionale d’Arte Antica* em Roma, de Caravaggio (1571-1610): debruçado sobre uma fonte, Sebastião contempla-se, absorto em sua beleza refletida, e profere para si mesmo um longo discurso amoroso, jamais saído da boca do Narciso mitológico: no cruzamento dos mitos, realiza-se o chamado “amor platônico”. Em seu diário, Derek Jarman confessa que, na gênese de sua obra, “queria um filme poético cheio de mistérios”¹². Sem dúvida esse primeiríssimo longa metragem enche de poesia misteriosa a vida de quem a ele assiste com olhos de ver e coração de desejar. A cena final, feérica, epitoma o filme, assume uma aura de miragem sob o céu ardente da Sardenha (Jarman morou na Itália, onde também filmou *Caravaggio*) e reproduz, até certo ponto, a tela, que se encontra na *Alte Pinakothek*, de Munique, “Mito de Prometeu” (1515), do renascentista italiano Piero di Cosimo (1462-1521). A perfeição das formas expostas do santo martirizado são a tradução da beleza perfeita de Apolo, que espande ao sol, ao mesmo tempo que a postura sinuosa e suas expressões corporais têm signos dionisíacos. Quais falos eretos, sete setas acertam – dardos ardentes - o formoso corpo nu (na iconografia católica, o santo está quase nu, apenas envolto com um pano vermelho, vermelho da cor dos mártires e, numa leitura erótica, vermelho da cor da paixão...) de Sebastião, *Sebastianus*, atado a uma estaca no meio da paisagem. Cupido, ou Eros, toma uma forma plural: os arqueiros são sete (número cabalístico e místico) e cada soldado deverá flechá-lo; todavia, reverte-se a situação, na medida em que Cupido não flecha o ser amoroso, antes enfia flechas no ser que ama. A cada flechada, ou penetração, o mártir exhibe uma expressão de dor e gozo. O sangue derramado tingem de vermelho o esperma imaginado. O corpo ferido de um Cristo obscuro funciona como um repertório de desvairados códigos, numa retórica homoerótica. Uma estonteante cena sado-masoquista, um quadro homoerótico inesquecível, um milagre de beleza sublime sob a bandeira do esteticismo

cinematográfico, conclui o filme, que lança, para sempre, São Sebastião no imaginário *gay*, que poderá, inclusive, meditar sobre a morte daquele que cada um não pode ter, ou refletir sobre o adágio de Jean Genet: “a gente mata aquele que ama”. *Sebastiane, Sebastiane, Sebastinae*, poderá evocar cada parceiro na hora do gozo, em sua relação homoerótica. E São Sebastião renascerá a cada flechada, seja de amor ou de ódio, como outras histórias homoeróticas míticas de amor: Adriano e Antinous, Davi e Golias, Júpiter e Ganimedes, Mário de Andrade e Fernando Sabino, Dolce & Gabana...

REFERÊNCIAS

HACKER, Jonathan & PRICE, David. *Contemporary British film directors*. New York: Oxford University, 1991.

JAMESON, Frederic. *Espaço e imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LEMINSKI, Paulo. *Metamorfose, uma viagem pelo imaginário grego*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

MUCCI, Latuf Isaias. *A poética do esteticismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

------. Walter Horatio Pater & a febre do esteticismo. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças e CORRÊA, Irineu E. Jones (org.). *O labirinto finissecular e as idéias do estetas*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2004.

ROCHA, Everardo P. G. *O que é mito*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SEBASTIANE, 1976, filme de Derek Jarman.

THE PASSION OF CHRIST, 2004, filme de Mel Gibson.

¹ “E o que mais posso eu querer do que arder em chamas?” Insígnia lavrada por Gabriele D’Annunzio em cima da lareira de sua casa.

² Oração a São Sebastião: “Glorioso mártir São Sebastião, valente padroeiro e defensor da cidade do Rio de Janeiro, vós que derramastes vosso sangue e destes vossa vida em testemunho da fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, alcançai-nos do mesmo Senhor a graça de sermos vencedores dos nossos verdadeiros inimigos: o ter, o poder e o prazer, que fazem viver sem fé, sem esperança e sem caridade. Protegei, com vossa poderosa intercessão, os filhos desta terra. Livrai-nos de toda epidemia corporal, moral e espiritual. Fazei que se convertam aqueles que, por querer ou sem querer, são instrumentos de infelicidade para os outros. E que o justo persevere na sua fé e propague o amor de Deus até o fim. São Sebastião, advogado contra a epidemia, a fome e a guerra, rogai por nós. Amém.”

³ Há uma canção, composta por Gilberto Gil e Milton Nascimento, intitulada “Sebastian”, com esta primeira estrofe: “Sebastian, Sebastião/ Diante da tua imagem / Tão castigada e tão bela/ Penso na tua cidade/ Peço que olhes por ela”. Conta-se que, em 20 de janeiro de 1567, São Sebastião apareceu milagrosamente na Baía da Guanabara e salvou os portugueses que lutavam contra os invasores franceses. Os militares portugueses foram cercados pelas canoas dos índios Tamoios, aliados dos franceses; então, surgiu, em súbito estrondo, São Sebastião e os índios, atemorizados com aquela imagem do jovem guerreiro do céu, puseram-se em fuga. São Sebastião foi proclamado o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

⁴ ROCHA, Everardo. P. G. *O que é mito*, p. 7.

⁵ LEMINSKI, Paulo. *Metamorfose, uma viagem pelo imaginário grego*, p. 59.

⁶ Em Narbone, nasceu Charles Trenet (1913-2000), artista assumidamente homossexual e que foi preso por essa prática.

⁷ MUCCI, Latuf Isaias. Walter Horatio Pater & a febre do esteticismo, p. 15-31.

⁸ Existe um filme sueco, *Sebastian*, de 1995, dirigido por Svend Wam, baseado no romance de Per Knutsen, que narra o desabrochar homossexual de um adolescente de 16 anos.

⁹ MUCCI, Latuf Isaias. *A poética do esteticismo*.

¹⁰ MUCCI, Latuf Isaias. *A poética do e steticismo*.

¹¹ JAMESON, Frederic. *Espaço e imagem*, p. 127.

¹² HACKER Jonathan & PRICE, David. *Contemporary British film directors*, p. 241.